

Betina Hillesheim
Larisa da Veiga Vieira Bandeira
Organizadoras

*escrever para
(re) existir*

Escritas menores

insurgências na formação e na pesquisa

Betina Hillesheim
Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Escritas menores:
insurgências na formação e na pesquisa

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.



Betina Hillesheim
Larisa da Veiga Vieira Bandeira
(Organizadoras)

Escritas menores:
insurgências na formação e na pesquisa

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Betina Hillesheim; Larisa da Veiga Vieira Bandeira [Orgs.]

Escritas menores: insurgências na formação e na pesquisa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 65p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2046-8 [Digital]

1. Escrita. 2. Pesquisa. 3. Multiplicidade. 4. Criação. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Quando a escrita se torna encontro</i>	11
<i>O que pode um corpo em pesquisa? [1]</i>	15
<i>O que pode um corpo em pesquisa? [2]</i>	18
<i>O que pode um corpo-pesquisador a partir de uma imagem!</i>	22
<i>O que pode um corpo em pesquisa em um mundo em ruínas, onde o chão desmorona?</i>	29
<i>BIOGRAFEMAS: Devaneando e me atrevendo</i>	35
<i>Como pesquisar em um mundo de ruínas?</i>	41
<i>Manual de como escrever um bom texto!</i>	47
<i>Arthur, as viagens e o rendimento</i>	51
<i>Marlete</i>	53
<i>O que me move a pesquisar o que pesquiso?</i>	57
<i>Corpo Docente, nos encontros da escrita e da pesquisa em educação.</i> .	60
<i>Apresentação das autoras, dos autores</i>	63

Prefácio

Escrever é se situar nessa
distância que nos separa da
morte...
Michel Foucault¹

Ficamos pensando sobre o desafio de prefaciar, de transformar em palavras aquilo que a leitura causou em nós. É algo como um deixar antever, impossível de prever. Ao mesmo tempo. O que causará em outros?

Prefaciar e ler e ler e prefaciar. Ecos de um e de outro. De um no outro. Uma das leituras acontece na livraria: entre risos, o tilintar de talheres, as conversas despreziosas sobre literatura e o cotidiano. As conversas misturaram-se aos ruídos da cidade e da obra. Ruídos como ecos. Outra, no quarto, no amanhecer frio de uma manhã de domingo: entre o silêncio rasurado pela sinfonia composta pelos carros e os pássaros, contrastando com a imagem de um corpo sossegado, em leitura, e agitado, em escrita. Ao mesmo tempo. O que pode um corpo em pesquisa? No encontro entre mundos - café e obra e carros e pássaros e cotidiano - a escrita deste prefácio ganha contornos.

Talvez, porque prefaciar seja isso mesmo: dar o tom, acenar sutilezas presentes nas entrelinhas. Dar espaços aos ruídos que compõem a obra, aos contrastes que produzem os silêncios sinfônicos, os sossegos agitados, as normas e as insurgências. Ao mesmo tempo. O que carrega, produz, ressoa? Talvez, e só talvez, o propósito desta obra [barulhenta] seja justamente apostar nas ressonâncias, nas provocações, nos estranhamentos e no convite... a pensar e escrever, a escrever e pensar.

¹ O belo perigo. Trad. Fernando Scheibe. 1ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. (p. 71-2).

Esta é uma obra que se propõe a colocar o corpo e a pesquisa enquanto narrativas de vida, num exercício de tensionar os lugares de pesquisador/a, manifestando as incongruências, as motivações e os desejos, produzindo resistências. São corpos pesquisadores/as abertos ao indeterminado, às incompletudes, assumindo as vulnerabilidades como força movente, num exercício de contraponto a um mundo repleto de determinações, pontos finais e respostas prontas. E, assim, ao invocar o corpo e a pesquisa, provoca sentir o corpo em pesquisa: o dos/as autores/as, o nosso, o seu - sujeitos neste tempo.

Em pesquisa, o corpo (se) escreve - sossega, agita, escuta, sente. Se faz perceber: é corpo no mundo. Doem as costas. Se compartilha o café. Há vida. Nos percursos presentes nesta obra, pesquisar e escrever tecem-se em gestos de esperança, marcados por experiências, memórias e lutas. Uma esperança que não ignora as complexidades e os desafios, mas que se nutre da capacidade de narrar e de se deixar narrar. Os capítulos que seguem nos convocam a olhar para a pesquisa não apenas como a busca por respostas, mas como um gesto de narração de existências multiformes, que perguntam pela vida. Provocam a perceber que um corpo em pesquisa não descola corpo e pesquisa, que não há pesquisa sem pesquisador/a, que não há pesquisa sem vida, que não há vida sem resistência.

E que - ao menos até que inventemos outras formas - é preciso escrever. Escrever pela necessidade de compartilhar, como o que encontramos nas páginas a seguir, aponta para esse movimento ora de cravar registro no mundo, ora de espalhar bilhetes por aí: estamos aqui e vamos dividir, participar, compartilhar e distribuir (algo) por lugares, com pessoas. Dividir diferentes pontos de atenção, como nossos temas de pesquisa.

Participar fazendo parte destes temas, das experiências e das situações, em conjunto, com outros. Compartilhando e distribuindo achados (im)possíveis, para seguir. É o que fazem Betina, Larisa, Lucijane, Jonas, Rosane, Cícero e Cristian, nas páginas que seguem. Nos desafiam

com palavras que desassossegam nossos silêncios e convocam a percebermos e tomarmos nossos corpos em pesquisa a partir dos seus. Um agenciamento. Nos distanciando um tanto da morte, com vida - que dói, remexe e escreve.

Dos nossos ecos, ressoados pelos corpos-pesquisadores/as, desejamos que a leitura das próximas páginas, que agora ganham corpo neste livro, inquietem você também.

Letícia Aline Back

Caroline Couto

Quando a escrita se torna encontro

Betina Hillesheim

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Iniciar um texto sem citação, sem contar sobre o livro que estamos lendo, sem dar pistas de onde estamos saindo, nos faz começar um texto despido.

Um texto despido que deita o corpo da palavra na folha branca, seguindo o contorno das digitais no teclado. Uma frivolidade descompromissada para pesquisadoras/es acadêmicas/os.

No que tal exercício quase absurdo contribuiria para a dissertação, para a tese, para o artigo a ser produzido?

O exercício não produtivo, não aproveitável para um determinado fim, não publicável, não pontuado na métrica, aquela escrita que voa abaixo do radar que pode detectar um tanto de critérios para não a considerar como uma produção acadêmica; talvez não seja realmente um exercício, tal qual o conhecemos.

Talvez seja uma tática para uma sobrevivência, para um corpo que pesquisa. Para além da leitura das/os autoras/es queridas/os, temidas/os, marcadas/os, fichadas/os, a tática é proveniente de uma poeira que a pesquisadora e o pesquisador trazem na sola de seus sapatos, da terra que habita ou habitou, da terra que não existe mais como a conhecíamos, do corpo que foi habitado pelo seu corpo. Vem do corpo morto, do luto de um corpo que o gerou, um corpo que adocece e tem fígadas e que ainda assim se atreve, um corpo que assiste TV e se emociona. Um corpo cansado, com prazos, com demandas e agendas, um corpo comprometido com a pesquisa.

Um corpo que lê, pesquisa e escreve, e empurra o indizível para a luz dos olhos do leitor, é um corpo político. Mesmo sem ser entre aspas,

o indizível, quando escrito, faz uma incisão na pele social do eu, e passa a ser de um coletivo.

Ainda assim, quando exercitamos essa escrita, o livro, a autora ou o autor que estamos lendo, mesmo que não citados, se esgarçam nas fibras virtuais de cada uma das linhas que escrevemos; nós sabemos que estão lá, e a leitora ou o leitor mais atento talvez também perceba a presença das autoras e dos autores que nos acompanham. Eles estão transfigurados, mordidos, em pedaços, inteiros, traduzidos pelas línguas cansadas, que procuram sobreviver no texto, pois não cabem mais em seus corpos que precisam ser ativos, produtivos, reprodutores. As/os autoras/es que nos acompanham são acolhidas/os pelos ouvidos pesquisadores. Se misturam com músicas, com fotografias, com a bula do remédio que traz algum conforto momentâneo, se diluem nos dois litros de água que precisamos beber para manter as células vivas.

Na leitura que antecede a escrita nos encontramos com um gatilho esquecido entre os livros, e pronto: lembramos do dia que subimos no ônibus e não retornamos mais para a casa em que nascemos. E a estrada percorrida depois disso é toda feita de palavras embaralhadas, das despedidas que não fizemos, do novo e desconhecido lugar para onde vamos. E que um dia desembarham, tomam forma e se organizam em frases, quando nos damos ao desfrute de escrever sem precisar dar conta da publicação, da avaliação.

A partir daí, se pegamos gosto por isso, criamos entraves flexíveis, para aquelas/es que exigem um texto rígido. Hospedamos no texto escritoras/es ilustres e outras/os nem tanto, mas o que habita a casa é a nossa memória, nossa rotina, nossos respiros para se manter minimamente saudável. A casa tem um "puxadinho" necessário, mas feito às pressas, com material que havia sobrado, onde ficam nossos prazos de entrega. Há também um sótão habitado pela nossa entrega para o que o corpo quer e não tem tempo. E essa casa toda se mantém nas medidas do texto. E o que equilibra essa fabulação é o corpo que pesquisa.

Portanto, o que trazemos aqui é efeito de encontros. Encontros entre corpos: duas professoras, uma pequena turma de alunas/os de um programa de pós-graduação em Educação. Uma proposta: sentarmo-nos nas tardes de sexta, em uma sala da universidade, e ali arriscarmo-nos na escrita a partir de textos "disparadores" escolhidos, pelas professoras, para degustação prévia. Da leitura, entreamada por textos acadêmicos e textos literários, um exercício: uma escrita casa, que é também tema-de-casa, a escrita feita na cozinha, na noite insone. E depois de equilibrar a casa, os habitantes e os hóspedes do texto na folha, será necessário dar o texto para a leitura, em voz alta para que as/os colegas ouçam, degustem, façam comentários e sugestões. Um texto menor, sem outras pretensões senão a de experimentar-se.

Uma proposta, aparentemente singela, que também parte de um certo esgotamento. Esgotamento das fórmulas prontas, dos textos frios e "neutros", dos distanciamentos entre a escrita, a pesquisa e o vivido. Aqui, um alerta: esgotamento e cansaço são coisas distintas, como nos diz Deleuze, em um texto intitulado *O Esgotado* e publicado originalmente em 1992². Enquanto o cansaço ainda mantém uma relação com o possível, visto que, mesmo que o cansado não disponha de qualquer possibilidade, ele preserva a estrutura do possível (o que se poderia ou deveria fazer), o esgotamento não se refere a apenas estar sem forças, mas se coloca fora deste regime: é o "prefiro não", conforme a fórmula beckettiana de Bartleby. Ou seja, trata-se de exaurir o possível, agindo por combinatórias, numa lógica não de *ou isto ou aquilo*, mas da multiplicidade (isto e aquilo e isso e mais outro e...). Assim, diante das prescrições acadêmicas, juntamos nossos corpos e murmuramos "preferimos não", deixando-nos cair, esgotados, em experimentações que não buscam fechamentos ou sínteses acabadas, balbuciando aquilo que escapa e, ao mesmo tempo, insiste. Entendemos, assim, que o

² A tradução do texto, realizada por Virginia Lobo e Lilith C. Woolf, pode ser encontrada em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2018/04/18/o-esgotado-gilles-deleuze/>

“e...e...e...” desequilibra, faz gaguejar, não se reduzindo a seus elementos, mas se constituindo como um entre, a fronteira na qual as coisas se passam (Deleuze, 1992)³. Trata-se, assim, de minorar a escrita e a pesquisa, não hierarquizando ou buscando um centro organizador, mas esgotando todos os possíveis e, ao mesmo tempo, afirmando-os, não como escolha, mas como coexistentes, sem síntese. Não buscar que as pessoas se expressem a qualquer custo, que expressem qualquer coisa, mas arranjar silêncio para que possam ter algo a dizer. “Suavidade de não ter nada a dizer, direito de não ter nada a dizer; pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco ser dito” (p. 162).

Em *A Insustentável Leveza do Ser*, Milan Kundera escreve: “uma vez não conta, uma vez é nunca. Poder viver apenas uma vida é como não viver nunca” (2008, p.14)⁴. Viver apenas uma vida pode ser entendido como uma lógica de escolha, do *ou* isto *ou* aquilo, esta vida *ou* aquela. Nossa aposta é numa direção de vida, escrita e pesquisa entrelaçadas, afinal, viver uma vez apenas não conta, é preciso abraçar a multiplicidade, não dividir, mas misturar-se: e...e...e... como potência criadora.

A partir disso, oferecemos aqui um fragmento de nosso encontro. Textos despídos, vulneráveis, que se dão a ver. Textos menores, que não aspiram a verdade. Textos assustados, incertos, gaguejantes. Seja bem-vinda/o.

³ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro, editora 34, 1992.

⁴ KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

O que pode um corpo em pesquisa? [1]

Lucijane Ferreira da Silva

Hoje meu corpo não está onde gostaria que estivesse! Como somos frágeis diante dos acontecimentos da vida, não somos nada mais do que uma pluma ao vento, ou talvez, uma casca que se quebra com o tempo e se esfarela pelo chão, sendo soprada sem nenhuma direção. Enquanto meus colegas estão, na Universidade, a debater sobre momentos e fatos que divergem, entrelaçam, nos causam estranheza, sorrisos, levantada de olho e, até mesmo, rugas na testa, talvez, neste mesmo horário do dia 29 de novembro de 2024, eu esteja ainda na sala de cirurgia!

Pior de tudo isso, é se pegar pensando em como meu corpo se entregou às demandas que vêm sendo acumuladas “sobre ele”: o que fez chegar a tamanha exaustão????? A ponto de ir para uma sala onde apenas uma luz enorme fica em cima da cabeça, deitada em cima de uma mesa de cirurgia, você ouve vozes, mas não as compreende, pois o corpo, após uma picada enorme nas costas, se entrega como um saco de farinha, que pode ser jogado para qualquer lado e não podemos dizer nada.

Com certeza me considero uma máquina de cópias, aquelas que vai recebendo, recebendo e recendo pilhas e pilhas de trabalho e não percebe que sua tinta vai esvaziando, assim como meu corpo. Assim, no corpo concebido como um objeto – sustentado por uma camada de processos mecânicos –, o sorriso, a tristeza e todas as formas de afeto, por exemplo, devem-se resolver numa série de relações orgânicas de matriz causal. "O corpo vivo assim transformado deixava de ser meu corpo, a expressão visível de um Ego concreto, para tornar-se um objeto entre todos os outros" (Merleau-Ponty, 1999, p. 88).

Minha cabeça começou a dar nós ao tentar entender a subjetivação em que estava envolvida após entrar no mestrado. Parei um momento

para pensar (se estivesse com a turma, aposto que brotariam risos): por que não continuei sonhando como as borboletas? Meu corpo estaria exausto, mas estaria sonhando!!! Se não posso estimular sonhos impossíveis, não devo negar o direito de sonhar com quem sonha. E mais e mais indagações!!! Mas como o corpo sofre a ação de relações de poder?

O corpo deve cumprir seu papel. Para isso, está atrelado a formas de atuação, a mecanismos de controle, a formas "econômicas" de usá-lo e pensá-lo. Afinal, há uma complexidade de rituais a ser seguida, uma eficiência a cumprir. "O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso" (Foucault, 1997, p. 28). Lendo este trecho me pego a devanear sobre o meu dia a dia: liga para a escola x – escola y já respondeu? – já postou na comunicação? – já verificou os e-mails (no mínimo 10 caixas diferentes) – já marcou a reunião? – tudo certo para o café do evento? – atende uma mãe que deu problema numa escola! – Pera aí!!!

Chegou uma denúncia no canal denúncia! – pode acelerar temos que visitar a família da Joaninha, ela está se mutilando – falou com os estagiários da psicologia? - no meio disso tudo...CALMAAAAA GENTEEEE... minha mãe que vocês sabem que é viúva está ligando – EITAAAAA meu neto está com febre, e a p... do plano de saúde não cobre pediatra – como assim você ainda não respondeu a escola x? – olhou a agenda de eventos? – não respondeu o e-mail com os participantes em POA? E por aí vai.... já desceu e verificou a central telefônica, a “OI” cortou todas as linhas!! – passa o número particular das chefias...e lá se foi o resto da tinta da impressora, que lentamente deu pane, ligou todas as luzes de falta de cores do painel!

Mas onde você vai, pessoa? – uma amiga pergunta (obs.: me vendo com um colar cervical, acho que ela pensou que seria o anel da última caixinha de tinta). Respondi serenamente: vou ali recarregar, acredito que, após todos estes vendavais e a distância, voltarei em quinze dias! E

novas perguntas surgiram: Quem vai cuidar da comunicação? Eventos? E-mail? Demanda de orientadores....

Soprei o restinho de tinta que me restava e só disse: Vou ali e volto já!!! E assim me sinto... “Nós tomamos em nossas mãos o nosso destino, tornamo-nos responsáveis pela reflexão, por nossa história, mas também por uma decisão em que empenhamos nossa vida e, nos dois casos trata-se de um ato violento que se verifica exercendo-se” (Merleau-Ponty, 1945, p. 21).

Referências

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Trabalho original publicado em 1945).

O que pode um corpo em pesquisa? [2]

Jonas Daniel Pereira

Ao longo do curso venho tentando entender como o meu corpo se introduzirá na pesquisa e isso diz sobre como vou (re)escrever minha história dentro da pesquisa. Buscar entender como farei essa intervenção, para mim, é de suma importância, visto que carrego não só a minha trajetória, mas a de minha mãe junto comigo. Não vejo a possibilidade de não relacionar o esforço que ela teve perante o oferecimento de uma boa formação escolar e pessoal. A cartografia, nesse sentido da pesquisa, não se refere apenas ao ato de intervenção no território, mas à forma que posso relacionar minha trajetória com a do ser-docente que irei estudar.

Com a escrevivência na pesquisa posso dizer que a cartografia se torna viva, pois, além de intervir no território, consigo analisar a vida de quem o faz. Com o marcador racial a pesquisa permite evidenciar as marcas das experiências desse ser-docente, suas violências sofridas, suas glórias e resistências para chegar ao ponto de lecionar no espaço de educação não formal. Assim, é possível analisar o que subjetivou aquele sujeito, o que parte para a compreensão, também, de questões sociais, culturais e políticas.

O conceito de escrevivências, desenvolvido por Conceição Evaristo (2017), propõe uma forma de escrita que parte da vivência, da experiência concreta e subjetiva do corpo negro. Escrever, nesse contexto, não é apenas um ato literário ou acadêmico, mas uma prática que visa dar visibilidade àquilo que é marginalizado, silenciado ou invisibilizado nas narrativas tradicionais. No campo da pesquisa, a escrevivência se torna uma ferramenta para compreender as complexidades da subjetividade do corpo, especialmente o corpo negro e suas trajetórias.

A afrocentricidade, enquanto perspectiva teórica e epistemológica, propõe uma centralidade do pensamento, da cultura e da experiência afrodescendente. No campo da pesquisa, isso implica em uma revisão crítica das narrativas dominantes, que muitas vezes negam ou distorcem as contribuições e experiências dos povos africanos e afrodescendentes. A afrocentricidade, então, convida a uma ressignificação das histórias e práticas de pesquisa a partir da experiência e dos saberes dos corpos negros.

No contexto do corpo em pesquisa, a afrocentricidade também pode ser entendida como uma maneira de desafiar as concepções eurocêntricas e colonialistas sobre o corpo e sobre as ciências. O corpo em pesquisa, quando analisado sob a ótica da afrocentricidade, deixa de ser apenas um objeto de estudo e passa a ser um agente ativo na construção de saberes. Ele é visto não como um corpo submisso, mas como um corpo que resiste, que possui uma memória ancestral e que, ao se apresentar, nos desafia a repensar as formas de produção de conhecimento.

A partir dessas três lentes – cartografia, escrevivências e afrocentricidade – podemos afirmar que um corpo em pesquisa é capaz de muito mais do que ser apenas analisado. Ele é um sujeito ativo, um território de saberes e resistências, que carrega em si as marcas de sua história, as lutas de seus ancestrais e as narrativas que, muitas vezes, são invisibilizadas. O corpo em pesquisa, nesse sentido, é um corpo que pode reescrever suas próprias histórias, que pode desenhar novos mapas de sentido e significados, e que pode, ao se fazer presente, provocar uma revisão crítica das formas dominantes de conhecimento e de poder.

Portanto, "o que pode um corpo em pesquisa?" é a pergunta que nos desafia a reconhecer o potencial transformador desse corpo. Ele pode ser um agente de resistência, de ressignificação cultural, de reconfiguração dos saberes, e um ponto de partida para novas formas de construção do conhecimento que não se limitam aos paradigmas

estabelecidos pela academia ou pelas narrativas eurocêntricas. Ele pode ser um sujeito político, uma memória viva e uma força de mudança social.

Referência

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Pallas Editora, 2017.

O que pode um corpo-pesquisador a partir de uma imagem!

Rosane Machado Rollo

(28/11/2024)

Figura 1 - Foto da estátua de Clarice Lispector e seu cão Ulisses



Foto de Célio Albuquerque

<https://diariodorio.com/apos-festa-mureta-da-pedra-do-leme-fica-coberta-de-lixo/>

Ao fazermos nossas pesquisas acadêmicas – assim como ocorre a um cineasta, a uma escritora, também a um pintor e uma filósofa –, estamos sempre, de alguma forma, elaborando a nós próprios. Simultaneamente, na trama dessas criações, falamos, em maior ou menor grau, de relações de poder, de processos de subjetivação, também de construção de verdades. Mas, sobretudo, ao criar, tratamos da liberdade do sujeito na sua relação com o outro, na sua relação radical com a alteridade. E estas são todas questões que colocam o corpo-pesquisador como um corpo polifônico que se faz, refaz e perfaz na antropofagia de outros corpos e atravessado por imagens dotadas de vida que pulsa, que escapa, que impossibilita qualquer tipo de sobrecodificação burocrática, engessada (Mossi, 2015).

Corpo-pesquisador que escolhe o que conta e o que não conta no mundo que fazemos existir com nossas pesquisas. Corpo-pesquisador que rompe fronteiras nas narrativas que fazemos do nosso trabalho de campo. Ao narrarmos, incluímos certas cenas, deixamos outras de fora. O que fica dentro de nossas narrativas ganha consistência, faz outros laços, se articula em outros domínios, outros textos (Moraes, 2014). Pois, como revela Nóvoa (2001), a narrativa é uma história que nós contamos a nós mesmos e aos outros. O que se diz é tão importante como o que fica por dizer. Narrar é, pois, uma das formas de interferir e de produzir, já que a maneira como se diz revela uma escolha, sem inocência, do que se quer falar e do que se quer calar. Assim, resolvi narrar sobre como essa foto, de Clarice Lispector e seu cão Ulisses⁵, vista no abrir o Facebook⁶, em um sábado de setembro de 2020, entrou em diálogo com o que pode um corpo que se põe a pesquisar, a partir de uma imagem experienciada

⁵ Estátua da escritora Clarice Lispector e seu cão Ulisses, na pedra do Leme, no Rio de Janeiro, foi inaugurada em 14/05/2016. A estátua foi feita pelo artista Edgar Duvivier. Ele produziu 40 miniaturas de Clarice com o cachorro que foram vendidas para admiradores da escritora, para financiar a estátua maior, inaugurada no Leme. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/rio-ganha-estatua-da-escritora-clarisse-lispector.html>

⁶ Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

em um seminário, coordenado pela professora Rosa Fischer, que trabalhava Poéticas na Pesquisa em Educação, quando ainda vivenciava o Mestrado em Educação, na UFRGS.

Em meio à sensação de indignação e tristeza produzida pela imagem, questionei-me sobre qual a narrativa, entre o real e o imaginário, poderíamos extrair dessa imagem? Muitas, por certo. Entretanto, pensando a partir de Eduardo Coutinho – um dos autores estudados no Seminário –, reflito sobre o laço que poderia ser construído entre o Lixo, produzido no entorno da estátua, e o Luxo, que é ler/ter um conto de Clarice Lispector. E Clarice? Como será que Clarice Lispector narraria essa experiência de ver sua estátua no “entres”, do mar de lixo e do mar do Leme? Como escreveria tal narrativa? Provavelmente – ou não –, esse “entres” traria para a autora, “as mais inesperadas surpresas”. Ou, quem sabe ainda, narrar a imagem, a faria ficar “consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, não sabia que sabia (Lispector, 1999, p. 254).

Por óbvio, não tenho como responder a essa questão – e nem é essa a intenção –; entretanto, busco nas palavras da própria autora, quando fala da experiência do ato de escrever – e eu acrescentaria, ato de criar/pesquisar –, argumentos de que estamos permanentemente em meio às discursividades, relações de poder e processos de subjetivação, elaborando de alguma forma, a “nós” mesmos, a partir das mais inesperadas descobertas. Movimentos de “ser singular”, mas estar com o outro. Nessa trama, de produzirmos e sermos produzidos simultaneamente, acesso Clarice também no romance *A Hora da Estrela* (Lispector, 2006), e percebo a importância da arte nesse processo, de como as pessoas chegam a pensar o que pensam, bem como, chegam a ser o que são. A grande questão, ao lembrar dos movimentos das “Makabéias”, em nós existentes, está no pensamento da personagem principal (Makabéia) quando diz: “eu sou isso aqui, eu nem sei quem sou, mas eu quero saber!”. De certa forma, em algum momento, todos somos Makabéias, principalmente, na espontaneidade, na verdade, no encantamento, na curiosidade. Talvez essa questão – de queremos saber

como Makabéia – nos capture para o universo de que “escolher Clarice e seus textos, lado a lado com nossas pesquisas acadêmicas, seja um modo de nos familiarizarmos com o estranho, com o outro (Fischer, 2016, p.18).

Estranhamento que também faz olhar as coisas, as pessoas, o mundo, olhar para “cada eu, que não sou eu”, como no filme de Agnes Varda (*As praias de Agnes Varda, 2008*) – e seu modo particular de documentar a vida, brincando com a inspiração, a criação e o compartilhamento –, bem devagar. As narrativas apresentadas no filme de Varda me fizeram perceber que, quando estamos abertos a enxergar o que está para além da tela, “abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo e o mundo aparece refletido dentro da gente” (Alves, 2008, p. 121). Agnes Varda nos mostra modos cada vez mais complexos de ver. De unir a realidade e a representação. O subjetivo e o coletivo: também inseparáveis. A sensibilidade. A tumba do gato – pedrinha a pedrinha – e as crianças. O encontro com as pessoas. Para a autora, contar sua vida é filmar os outros, os que a intrigam, a desconcertam, e ela diz: “Se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens”. A autora escolhe “outros caminhos” – não vai em linha reta –, vai compondo de forma criativa um fio condutor, que vai mostrando as bordas, até chegar no centro, e identificar as paisagens, as poéticas de cada um. Coisas potentes, que pode um corpo-pesquisador polifônico.

Voltando para o filme da Makabéia, poderíamos trazer aquela cena do “espelho enferrujado”, onde a personagem se vê em frente ao espelho, mas sua imagem aparece borrada, difícil de se encontrar. Makabéia, não tem noção de quem é, e nós, ficamos com a poética do que vimos. Mas, o que vimos precisa ser cuidado para não atribuir alguma coisa em sentido fechado, ou seja, não conferir as coisas uma única interpretação, uma única leitura, pois “afinal, que garantia almejamos, afirmando que, sim, isto é, mesmo isto?” (Fischer, 2016, p. 9). De acordo com Fischer (2016), José Wisnik, em videoaula (Wisnik, 2016) sobre Clarice, diz que ela jamais pergunta o nome da coisa: não nomeia, apenas aproxima-se, humildemente, da coisa. E, eu, arriscaria, dizer que ela se

abre em “outros caminhos”. É preciso ler nas entrelinhas, não o que está escondido, mas as possibilidades. Porque as possibilidades existem – e nos provocam –, numa perspectiva de ampliar as maneiras de se ler os textos, o mundo, a vida!

A proposta é que operemos com arte sobre o belo lixo – como na foto da Clarice, no “entres”, do mar de lixo e do mar do Leme -, confuso, multiforme, inesperado, ambíguo da vida. Vida sem explicação. Vida como matéria-prima do nosso discurso cotidiano, onde sujeito e objeto invertem seus papéis incessantemente, pois que “nenhum olhar é estável” (Fischer, 2016, p.10). Vida como pulsão, que nos faz pulsar no máximo de intensidade, se atirar intensamente, viver intensamente. Nesse sentido, segundo a autora, “escrever é pura potência, é um modo de sondar o mundo, é movimentar-se sobre um fundo de silêncio” (Fischer, 2016, p.21).

Vladimir Safatle (2015), escreve que talvez a única função real da arte seja exatamente esta, nos fazer passar da impotência ao impossível. Acredito, com vivido no Seminário que inspirou este texto, que, que nas nossas pesquisas, um bom exercício (e uma boa atitude) seria o de enfrentar o que por vezes nos faz sentir impotentes. Assim, buscar e escolher o caminho que nos leva a querer “mais”, sem cansar de andar em direção ao impossível. Como muito bem nos instigou a prof. Rosa Fischer, importa é esse “meio do caminho” ou “caminho do meio” – pois ele está sempre nos dando sinais de uma beleza e de um mistério que não imaginávamos. Por isso, depositar um olhar generoso às coisas mínimas, abrir-se ao indeterminado e às incompletudes, são pistas do que pode o corpo-pesquisador.

Referências

ALVES, Rubem. Vamos construir uma casa? Doze lições para educação dos sentidos. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault, Clarice: as palavras, as coisas, a experiência. Cadernos de Educação, n. 54, 2016.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: _____. Repensar a política. Ditos & Escritos VI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010, pp.289-347. 390p.

LISPECTOR, Clarice. Sobre escrever. In: LISPECTOR, C. A descoberta do mundo: crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MORAES, M. Do “pesquisarCOM” ou de tecer e destecer fronteiras. In: BERNARDES, A. G. et al (orgs). Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: EDUFES, 2014.

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo?. Educação e pesquisa, v. 41, n. spe, p. 1541-1552, 2015.

NÓVOA, Antônio. Prefácio. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). História e histórias de vida: educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Autêntica, 2015.

WISNIK, José Miguel. A matéria Clarice. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://claricelispectorims.com.br/Media/view_video/55>. Acesso em maio 2016.

O que pode um corpo em pesquisa em um mundo em ruínas, onde o chão desmorona?

Cícero Augusto Richter Schneider

Em um processo de pesquisa, há o pesquisador, a pesquisadora, e há o objeto, o tema, aquilo que vai ser pesquisado. Tradicionalmente, em uma abordagem científica mais conservadora (ou, muitas vezes, nas ciências exatas), há uma certa distância entre aquele ou aquela que pesquisa e o que é pesquisado. O pesquisador parece tomar o lugar de um observador afastado, não necessariamente distante, mas com certo espaço. Está em cima de um púlpito, ou observando do lado de fora de uma exposição, está vendo as coisas de cima. Pode-se dizer que seu corpo não entra em contato, ele é neutro – ou supostamente deveria ser. Essa neutralidade é muito presente nos discursos científicos tradicionais.

Mas e se esse corpo-pesquisador descesse de seu lugar elevado? E se ele saísse do púlpito e se sentasse no meio da multidão? E se ele entrasse para dentro da exposição, ao invés de somente observar de fora? O corpo que passa a fazer parte da pesquisa sente os mais diversos elementos que perpassam sua análise. Letícia Back (2024), na posição de pesquisadora e tendo trabalhado com imigrantes, aponta, em seus relatos, como presenciou elementos como o racismo, noções sobre seu próprio privilégios, barreiras de linguagem, entre outros. O corpo-pesquisador está implicado naquilo que pesquisa (Back, 2024).

Com isso, deve-se ter em mente que o pesquisador não está afastado de sua pesquisa. Não há um espaço neutro, uma barreira, que coloca o pesquisador de um lado e a pesquisa de outro. Ao pesquisar, esse autor fala de algum lugar, e todos nós falamos de certo ponto. Viemos de algum lugar, vivemos determinadas situações, estudamos certas temáticas e certos textos. Assim, ao ter o corpo colocado na

pesquisa, além de se ver implicado com aquilo que investiga, o pesquisador também traz consigo toda a sua bagagem, todos os seus problemas e privilégios, suas dúvidas e suas concepções, sua teoria e sua ignorância.

E há, também, aqueles momentos em que diversas noções, valores e compreensões às quais estamos acostumados e imersos começam a desmoronar. Quando cursava minha graduação em História, um de meus professores, com quem eu travava diálogos amistosos, disse certa vez que vivemos em uma época de quebra de paradigmas. Aquelas verdades sólidas – iluministas, noções de uma verdade absoluta e de um ser essencializado, universal – não mais se sustentam. Ele explicava com uma analogia bastante simples, mas igualmente ilustrativa: “imagine que tu tens uma noção bem estipulada das coisas, de noções de moral, de gênero, de família, de pesquisa, entre outros. Tu tens uma base firme, um chão onde pisar. O que está acontecendo agora é que esse chão está começando a tremer, a rachar e cair. Muitas vezes não encontramos o chão para pisar, e buscamos nos segurar em outros apoios. Não há mais um modelo único de família, as questões de gênero e de moral se tornaram complexas, há diferentes formas de se fazer pesquisa. O que acontece? O chão começa a cair, e não sabemos bem aonde vamos nos apoiar”.

Lembrei-me vividamente deste diálogo (ligeiramente parafraseado) com meu professor durante a graduação enquanto lia o texto *Mapas de um mundo em ruínas: Pistas para pesquisar (n) o Brasil* (Hillesheim; Moreira; Cruz, 2022) para uma aula da disciplina de “Seminário Avançado II: Políticas de Escrita e Pesquisa”, parte do currículo do Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em 2024. Vividamente e com muito afeto, devo dizer. Sinto falta das aulas deste docente, com quem o debate fluía livremente e as conversas eram bastante divertidas, apesar de fazer esquemas confusos no quadro e divagar bastante. Sua analogia, de certa forma, dialoga com a ideia de um mundo em ruínas. Como pesquisar um mundo em ruínas? Como

pesquisar um mundo em que, diversas vezes, não temos muito onde nos apoiar para manter o equilíbrio?

Achei muito interessante o raciocínio a respeito do cansaço e do esgotamento apresentado no texto. Pensei nisso ao lembrar da analogia. Esgotamento como colapso, não como cansaço (Hillesheim; Moreira; Cruz, 2022). O Dicionário Online de Português nos dá uma boa definição sobre o colapso: “Estado daquilo que está desmoronando, do que está em crise ou prestes a acabar; ruína”⁷. Portanto, um mundo desmoronado, em ruínas, onde aquilo que dávamos como certo não mais se sustenta. Contudo, como apontado pelas autoras, estando o mundo em ruínas, devemos partir para outras formas de análise, para além do já colapsado. É uma potência para novas visões (Hillesheim; Moreira; Cruz, 2022).

E nesse mundo em ruínas que nos localizamos enquanto pesquisadores e pesquisadoras, como corpos em pesquisa. E, falando em um aspecto físico, o corpo sente. De certa forma, o corpo-pesquisador também sente, não está afastado, em uma visão fria e distante. Ao tratar de questões a respeito dos imigrantes angolanos e haitianos, Back (2024) pôde sentir os efeitos do racismo (que não diziam respeito diretamente a ela, mas que lhe fizeram ver todos os privilégios que possuía). Ao trabalhar com questões relativas ao neoliberalismo, minha grade de análise em minha pesquisa, me vejo imerso em uma racionalidade de mercado competitiva, que me força a me manter no jogo. O corpo-pesquisador está aqui, junto com aquilo que pesquisa. Ele possui um grande potencial de criação, uma vez que, ao estar implicado com sua pesquisa, assume um lugar na primeira fila do espetáculo, podendo ver e sentir tudo aquilo que se passa no palco à sua frente. E, estando aí, pode não simplesmente construir algo sobre, mas construir *com* (Back, 2024). Contudo, deve haver um certo cuidado para que, apesar de estar implicado com aquilo que investiga, o corpo-pesquisador não apague a tênue linha que o mantém na posição de pesquisador.

⁷ COLAPSO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/colapso/>.

Estar junto, mas resguardar-se ao seu papel na pesquisa. Estamos presentes neste mundo que colapsa, e o mapa deste mundo não se encontra feito, mas deve ser desenhado no exercício da pesquisa. Gosto da ideia de Larrosa, citada por Hillesheim, Moreira e Cruz (2022), de que devemos trabalhar por subtração às vezes, ao invés de pelo excesso. Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do Cansaço*, aponta que esta mesma sociedade é, justamente, uma sociedade da positividade, do excesso. O cansaço surge a partir do excesso de positividade, em uma relação de adição, não de negação - ou imunológica, como coloca o autor (Han, 2024). Devemos, assim, considerar o que devemos mostrar e o que não, que portas abrir e quais manter fechadas, que estradas mapear e quais manter no escuro. Pesquisar um mundo em ruínas talvez seja, justamente, analisar com calma os caminhos a se tomar, quais destroços remover para melhor transitar para novos e diferentes modelos de mundo. Mundo em que estamos presentes enquanto corpos-pesquisadores e no qual, como exposto no texto pelo conceito do *Amor mundi* de Hannah Arendt (Hillesheim; Moreira; Cruz, 2022), devemos acreditar para pesquisar.

Referências

BACK, Letícia Aline. Dos (des)encontros inesperados e imprevisíveis de uma cartografia migrante: um corpo-migrante-pesquisadora. In: HILLESHEIM, Betina; SOUZA, Camilo Darsie de; SILVA, Mozart Linhares da; ARAUJO, Willian Fernandes (Orgs.). *Temas, conceitos e percursos metodológicos: possibilidades da pesquisa em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, p. 107-117. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/temas-conceitos-e-percursos-metodologicos-possibilidades-da-pesquisa-em-educacao/>.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2024.

HILLESHEIM, Betina; MOREIRA, Lisandra Espíndula; CRUZ, Lílian Rodrigues da. Mapas de um mundo em ruínas: Pistas para pesquisar (n)o Brasil. In: MOREIRA, Lisandra Espíndula; HÜNING, Simone Maria; PARRA-VALENCIA, Liliana (org.). *Políticas de pesquisa em psicologia*. 1ed. Florianópolis: Abrapso, 2022, p. 61-76.

BIOGRAFEMAS: Devaneando e me atrevendo

Lucijane Ferreira da Silva

Temos de silenciar rapidamente aquilo que nos incomoda, por meio de nossas ausências ou por meio de medicações que funcionariam como uma camisa de força química. Educar dá trabalho! (Filho, 2010, p. 71).

Início a minha escrita singela e amedrontada, depois de ter falado com minha mãe pelo telefone por alguns minutos, me vejo refletindo sobre a vida e o valor que damos a ela. Em cinco minutos de diálogo, mesmo quando fiz várias intervenções para que pudéssemos mudar de assunto, ela me trouxe de duas vizinhas doentes, a dor no ciático, mesmo eu lembrando que hoje é aniversário do primeiro bisneto dela (único), ela continuava com as doenças, os AVCs na vizinhança e suas dores nas costas.

Quando desliguei o telefone me debrucei sobre as escritas de meu mestrado e sobre minha temática, minha escrita sobre medicalização e a fala de minha mãe ainda latente sobre “adoecimento”!

Diariamente no trabalho me deparo com as duas situações acima, me coloco nelas também, pois com certeza sinto que meu corpo não está reagindo como eu gostaria que reagisse mediante a correria de meu dia a dia. O corpo aparece ao longo de obras de Michel Foucault como um composto de forças que se encontram em constante combate. Este corpo não se limita às concepções orgânicas; antes de tudo, ele se apresenta como um campo sobre o qual operam diferentes dispositivos. O corpo não deve ser pensando a partir de uma existência a priori, e sim como um objeto que deve ser problematizado, investido por forças e, por fim, produzido.

E o que seria esse produzido, citado por Foucault. Pessoas que viram máquinas em virtude de seu trabalho, ou máquinas que viram pessoas.

A medicalização ao silenciamento da Educação: o método biografemático

O tema da medicalização tem sido recorrente em diversas análises sociais sobre o campo da saúde e da doença, minhas maiores inquietações frente a temática se deram nos últimos quatro anos de trabalho junto a instituições da rede pública estadual de ensino. Estas inquietações aumentaram quando o trabalho se concentrou com orientadores educacionais. Mas como escrever sobre suas angústias e, ao mesmo tempo, refletirmos sobre o nosso papel? Sobre o caminho que estamos tomando como orientadores educacionais? Como apresentar diferentes realidades? Como refletir e me colocar nestas reflexões?

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir (BUTLER,2015, p.17-18).

A medicalização da (na) educação escolar

Na escola em uma reunião pedagógica, por ser também professora de AEE, para minha surpresa a reunião inicia com a seguinte pauta, por favor professoras dos anos iniciais repassem a referida professora da Educação Especial as suas angústias? E a lista fenomenal iniciou desta forma: - Maria (hiperativa?), Rafael (tem déficit de atenção?), João (só pode ser autista), Aninha (precisa de uma avaliação)... Dentre tantos outros, numa lista de vinte e dois estudantes, todos eles teriam distúrbios de aprendizagem? Seriam estes exemplos, a resistência de um processo de escolarização padronizado?

Seria a escola uma negacionista das diferenças patologizando-as? Hiperativos, dispersos, inquietos e (In)corrigíveis são maneiras de experienciar a vida ou patologias? Numa segunda narrativa me deparo numa formação de orientadores educacionais, oitenta e seis orientadores, um representante de cada escola de nossa regional, adoecidos, decepcionados, onde contextualizam que não estão tendo apoio psicológico nas escolas, que estão realizando encaminhamentos de estudantes para neurologistas e não estão sendo atendidos.

Configurando-se nitidamente a medicalização como uma produção específica que justifica as dificuldades de aprendizagem como sintomas patológicos. O conceito de medicalização o qual busco abordar nessa discussão é aquele apontado por Collares e Moysés (1996, p. 28), conceitualizado como um “processo de transformar questões não-médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas”. Trago um recorte de Amanda Cappellari e Lílian Rodrigues da Cruz (2024) que auxiliou um pouco em minhas inquietudes, assim diariamente a angústia me persegue, o medo de escrever na primeira pessoa, contando (re)vivências, as incertezas, o certo e o errado (que sei que hoje não existe), onde citam que Roland Barthes nos ensina, ao longo de sua obra, esse gesto biografemático de narrar. Em *A Câmara Clara* (1984), Barthes produz reflexões sobre fotografia e, ao pensar na sua relação com elas, convoca dois elementos para a discussão sobre como as fotografias o atravessam: *tudium* e *punctum*. O primeiro diz respeito a um interesse cultural, “que não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a alguma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso” (Cappellari e Cruz, 2024, p. 45). Já o segundo atravessava esse campo de interesse, “parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar” (p. 46).

Punctum, portanto, como algo que punge, corta, faz ferida. Mais adiante, Roland Barthes entende *punctum* de nova maneira, que não corresponde mais à forma, mas à intensidade com que um detalhe o atravessa. Biografema enquanto uma estratégia incapaz e inautêntica. O

sujeito narrado perde seu lugar de autenticidade, de “verdadeiro”, já que a pessoa que escreve passa a ser uma fabuladora de realidade. Não há a intencionalidade de uma narrativa que se detenha a datas, cronologia ou linearidade, mas antes uma tentativa de criar biografias abertas, com múltiplas saídas, inclusive para vidas aprisionadas (Costa, 2011). Assim, as fronteiras entre invenção e realidade se borram, já não é possível distinguir quais são os pequenos fragmentos de vida que alimentam a fantasia.

Ademais, “a realidade é, no seu limite, uma dobra infinita de ficções” (Vilela, 2010, p. 325). “O biógrafo, nessa perspectiva, não narra, de maneira linear, cronológica, coerente, a sua própria vida (nem a de ninguém), mas produz vidas: o biógrafo como um inventor de vidas” (Feil, 2019). Para Ewerton Martins Ribeiro (2015), o biografema impulsiona uma investigação. É o que permite ajustar o zoom para se aproximar de um detalhe de vida, de nuances e ranhuras que só podem ser vistas de perto, com descabida atenção. Foi desse modo que meu biografema reclamou um campo, exigiu encontros cuidadosos para sua invenção. Então me aproximo do problema da atmosfera (Costa, 2011). É necessário analisar não apenas as condições históricas, psicológicas e sociais para a escrita, mas também o campo que a torna possível, ou seja, a vida.

Para escrever venho buscando estar presente nos ambientes escolares, promovendo formações mensais para orientadores educacionais, dos dezoito municípios e oitenta e seis escolas de abrangência da 6ª Coordenadoria Regional de Educação, realizando escutas, rodas de conversa, buscando desvelar o processo de produção dos fenômenos do não aprender e não se comportar na escola e o atravessamento da saúde na educação e/ou será da educação na saúde? Para Welch, Schwartz e Woloshin (2008), a medicalização da vida cotidiana, capaz de transformar sensações físicas ou psicológicas normais (tais como insônia e tristeza) em sintomas de doenças (como distúrbios do sono e depressão), vem provocando uma verdadeira "epidemia" de diagnósticos. Não estou obviamente criticando a medicação de doenças, nem negando as bases biológicas do comportamento humano. O que

problematizo é a firme contraposição em relação às tentativas de se transformar problemas de viver em sintomas de doenças ou de se explicar a subjetividade humana pela via estrita dos aspectos orgânicos. A patologização dos problemas educacionais exige um trabalho intelectual crítico e o desenvolvimento de novos posicionamentos de psicólogos, educadores e profissionais da saúde em relação à sociedade, à educação e ao desenvolvimento humano, pois o social não apenas "interage" com o biológico, ele é capaz de criar novos sistemas funcionais que engendram novas formas superiores de atividade consciente.

Sem chuvas; já reparei, as andorinhas
perdem o poder de voar livres.
(Manoel de Barros, 2016, p. 28)

Referências

BARROS. Manoel de. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAPPELLARI, Amanda; CRUZ, Lílian Rodrigues da Cruz. Biografemas: por uma escrita que não dê conta da vida. In: HILLESHEIM, B.; SOUZA, C.D.; SILVA, M.L; ARAÚJO, W.F. (org.). *Temas Conceitos e Percursos Metodológicos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. Disponível em: https://pedroedjoaoeditores.com.br/wpcontent/uploads/2024/04/EBOOK_Temasconceitos-e-percursos-metodologicos Acesso em 20 de nov. 2024.

COLLARES, Cecília & MOYSÉS, Maria Aparecida A. Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização. São Paulo: Cortez: Campinas, 1996.

COSTA, Luciano Bedin da. Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. 2010. Acesso em 19 de nov.2024: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27673>

FILHO, João Freire (org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2010.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Psicologia Escolar e Educacional. Para uma crítica da medicalização na educação,2012. Acesso em 19 de nov.2024: <https://www.scielo.br/j/pee/a/Fbgwty4bzXgVTcdqwjFQNHK/?lang=pt>

PERES, Cleuza Maria Sobral Dias e VAZ, Lúcia Maria. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si. EDUFRRN | ediPUCRS | EDUNEB Natal, Porto Alegre, Salvador. 2012

Como pesquisar em um mundo de ruínas?

Rosane Machado Rollo

(05/12/2024)

Que noite histórica! Liniker brilhou no Prêmio Multishow, levando para casa quatro troféus importantes: Capa do Ano, MPB do Ano, Álbum do Ano e Artista do Ano. Ver uma travesti preta arrebatando o público, cantando lindamente sobre o amor, com uma performance mágica, é também perceber a arte redimindo a história e salvando o Brasil, quebrando preconceitos, corrigindo injustiças, celebrando a diversidade, abrindo horizontes, mobilizando sonhos, fazendo a vida valer a vida! Liniker representa mais do que música – ela representa um futuro em que a arte não tem fronteiras de gênero, cor ou identidade. Suas conquistas nos lembram que lutar por justiça e inclusão vale a pena, e que o amor é a revolução (...) Que a vitória de Liniker inspire a todos nós a construir um mundo mais justo, onde talentos como o dela possam brilhar sem medo (Instagram @pastorhenriquevieira, 04/12/2024)⁸

Quando comecei a pensar sobre quais as pistas eu escolheria para escrever sobre como pesquisar em um mundo que está sobre ruínas, imaginei que minha escrita se daria a partir do prêmio Multishow, reproduzido na última terça-feira (03/12/2024), porque ele fez com que eu refletisse sobre os “mundos possíveis”, que queremos ajudar a construir. Como bem reforça a epígrafe, ver uma travesti preta

⁸ Instagram @pastorhenriquevieira, 04/12/2024

capturando o público e cantando lindamente sobre o amor, além de emocionar, mostra que a “vida presta”! E ver que a vida vale a vida foi demais inspirador! A noite estava fadada a subverter todas as normas de uma sociedade hipócrita que continua verbalizando e instigando ódios! E isso, por certo, mobilizou-me tremendamente, porque como diz o excerto, as conquistas de Liniker, nos lembram que lutar por justiça e inclusão vale a pena, e que o amor é a revolução.

Essas são todas as inspirações que nos movem a pesquisar, ainda que em um planeta sobre ruínas, na qual os homens, cada vez mais fingem sobre as coisas do mundo. Nas convenções sobre os Direitos Humanos, fingem estar preocupados com os humanos! Nas convenções sobre as temáticas ambientais, fingem que estão preocupados com as “águas do mundo”! Com os acontecimentos de Gaza, fingem estar comovidos com a morte de mais de 40 mil pessoas, no primeiro genocídio televisionado da história em que as pessoas comuns o vivenciam todo dia em sua tela de celular. Esse genocídio é épico, “é a maior matança de crianças da história, quase 10 mil por milhão de habitantes, quando em toda Segunda Guerra Mundial foi 2.813 por milhão de habitantes em seis anos” (Brasil de Fato, 2024, s.p.). Tantas e tantas guerras sem sentido, produtivismos enlouquecidos. Os homens têm tecnologia avançada, mas ainda se comportam como primatas. Guerrilham, são egoístas, não sabem viver em comunidade e nem dividir. Estão sempre correndo atrás de uma tal máquina, que movimenta um tal mundo, que se chama neoliberalismo-capitalismo, que nada escapa. Mas pesquisar sobre ruínas é ir em busca de brechas neste espaço em que tudo captura.

Ontem vivi um momento que me fez acreditar, ainda que sob suspeita, que algumas brechas são possíveis! Eram 18:30, no Centro Cultural da UFRGS, e ali aconteceu o Lançamento do Livro *Direitos Humanos entre A & Z*. Fui convidada, em virtude de ter alguns capítulos nesse livro, e imaginei que seria mais um evento formal, daqueles “para inglês ver”. Contudo, felizmente, estava redondamente enganada. Minha “(des)esperança”, por ver/experienciar em muitos momentos

nosso mundo em ruínas, foi encantada por uma noite cheia de oportunidades e magias! Ali percebi que pesquisar, ainda que nesse mundo esfaçalhado pelo egoísmo humano, não é fácil, mas possível. Por aquele Auditório Jacarandá, no terceiro piso do Centro Cultural, totalmente “asseado e brilhoso” – como geralmente, são os espaços das Universidades, cheios de pompas e circunstâncias –, que refletia no assoalho o piano da sala de entrada, desfilaram pessoas em situação de rua, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, marisqueiras, rappers, moradores de territórios periféricos, negros, mulheres trans-travestis, e tantos outros visionários de/por um mundo onde as brechas são sonhadas/buscadas, por que a arte da escrita, como bem nos lembra Fernando Pessoa (1999), em seus *Desassossegos*, faz com que a gente se vista solenemente quando escreve. Vestir-se solenemente, escrever com o próprio sangue, desnudar-se, ou ainda, arriscar-se na escrita, é perceber que a palavra se exercita, e que não há um modo de escrever que caiba a todos, pois a “escrita é singular, pessoal e intransferível” (Zordan, 2019, p.206).

Naquele espaço, as escritas foram faladas em prosa e verso! Foram cantadas! Foram declamadas! Foram choradas e afetuosamente, abraçadas por todos que ali estavam e aos prantos se sensibilizaram. A marisqueira de Sergipe trouxe os encantamentos do seu mangue. A pessoa em situação de rua contou sua história, juntamente, com acadêmicos, não como momento de redenção, mas como parte de uma micro resistência que segue diariamente. As moradoras da Ilha da Pintada, bairro de Porto Alegre, situado no arquipélago, lembraram da enchente de maio, mas, também que, para elas, apesar de sempre conviverem com as enchentes – ignoradas pelas autoridades e o resto do mundo –, as águas representam a ancestralidade. O rapper cantou seu hip-hop e contou como a música e a educação salvaram sua vida, e alguns que ele conseguiu trazer junto em sua sonoridade. Ao final de sua canção, contou: “fui expulso de três escolas em quando voltei a estudar, a única professora que sorriu para mim, pediu: podes musicar minhas aulas?”

Respondi, claro, *sora!* Por aquele sorriso, terminei meus estudos, e hoje sou mestre e doutor em diversidade cultural! Hoje sei: aquele sorriso salvou minha vida!”.

Tantas e tantas histórias contadas ao longo de um livro, que me fez perceber que “arriscar uma escrita exige sair de si e viver outras experiências”, uma vez que as palavras são o modo mais amplo de se retomar a todas as experiências (Zordan, 2019p.206). Sei que escrever e pesquisar em um mundo sobre escombros como o nosso, é um desafio constante, pois precisamos pensar nessa amplitude das palavras, e na escrita como uma arte de criação, com espaços entre quem escreve; quem escreve e lê; quem escreve e se lê; entre quem fala e quem escuta, e entre quem se fala; tendo sempre presente que os leitores do nosso texto são leitores reais – que nem sempre estarão conectados com nossos argumentos. Por isso, também precisamos apre(e)nder a escrita e o pesquisar como um eterno arriscar-se, ou como refere Chimamanda Ngozi Adichie (2019), escolher escrever como um ato de rejeitar o silêncio.

Arriscar-se numa escrita como arte de si; escrita como prática performativa; escrita como consciência do se fazer; escrita como desassossego originário; escrita como ato político, escrita como experiência; escrita como caligrafia do corpo, do gesto da mão no papel e do papel na mão, misturando as palavras, a escritura, o corpo ancestral, num ato de escrita da vivência. Uma escrita – e, também de um investigar -, que trabalhe com o que sinto, vejo, toco, manuseio e escuto: uma *Escrevivência*. Afinal, como diria Mia Couto⁹: “o escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimento e de encantamento”. Acredito que comigo tem sido assim: assumir riscos e buscar a construção

⁹ Trecho da intervenção na cerimônia de atribuição do Prêmio Internacional dos 12 Melhores Romances de África, Cape Town, julho de 2002, publicada sob o título “Que África escreve o escritor africano?” COUTO, Mia. Pensatempos. Textos de opinião. 2. ed. Lisboa: Caminhos, 2005. p. 59-63. Disponível em: <<http://mia-coutiando.blogspot.com.br/2011/10/palavras-de-mia-couto.html>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

de saberes que mobilizem e desacomodem, compreendendo que “o saber não é feito para consolar, sendo algo que decepciona, inquieta, secciona, fere” (Foucault, 2000, p. 255).

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. Tradução de Julia Romeu. Companhia das Letras, 2019.

BRASIL DE FATO. Genocídio na Palestina 'é a maior matança de crianças da história', afirma presidente da Fepal. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/11/genocidio-na-palestina-e-a-maior-matanca-de-criancas-da-historia-afirma-presidente-da-fepal>. Acesso em: 04/12/2024.

FOUCAULT, M. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

PESSOA, Fernando. O livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros, na cidade de Lisboa. Org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das letras. 1999.

ZORDAN, Paola. Motivações para escrita a partir de notas em torno de si e dos outros. Polis e Psique, v. 9, n. 2, p. 205-217, 2019.

Manual de como escrever um bom texto!

Cristian Moreira Fraga

Início este texto indo de encontro àquilo que os pós-estruturalistas mais detestam: fórmulas prontas. Sinto decepcioná-lo, meu caro leitor, mas, ao contrário deste título (e caso tenha chegado a este texto procurando uma resposta para tal questão), admito que não a encontrará nestas poucas linhas deste jovem autor. Posso dar-lhe uma dica, vale dizer que é uma dica deveras importante em minha vida, caso aceite: ame escrever, ame o seu processo de aprendizado e se permita devanear pelos rincões mais profundos de sua mente. A escrita, em muitos momentos, de fato é dolorosa, mas é algo extremamente gratificante.

Para escrever estas poucas linhas, lançaram-me a seguinte indagação: *“Como me torno autor?”*. Admito que não tive uma resposta inicial e devaneei por um momento visando achá-la. Bruno Batista (2019) menciona e problematiza em seu texto *“Algumas maneiras pós-estruturalistas de responder às perguntas: Como escrever? Como ser autor”*, algumas proposições que comumente acreditamos serem as corretas para um processo de escrita, como manuais metodológicos e inspirações (quase divinas ou espíritas). E admito que pensei bastante sobre a ideia de inspiração. Escrevendo aos quatro cantos, inúmeros tipos de textos, com temas diferentes e muitas vezes espinhosos, a ideia de inspiração acaba me parecendo bastante vaga e insuficiente. Como autor, não sou um sujeito inspirado, apenas externalizo os meus mais variados momentos de observação, onde busco problematizar inúmeras nuances de tais observações. Todavia, admito também que devaneio com limites, como uma criança que brinca observada pelos pais à distância. Existem certas diretrizes, que querendo ou não, ainda temos

que segui-las. Certos modos de escrita, muitas vezes mais duros e arcaicos, os quais agradam muito as revistas acadêmicas.

Escrever, escrever, escrever (produzir, produzir, produzir)

Apesar da hipocrisia fazer parte de minha vida em muitos momentos, acredito que este, meu caro leitor, não será um deles. Como supracitado, amo escrever de um modo ardente, como uma paixão recente de dois jovens apaixonados. Contudo, estou imerso, como muitos de meus colegas e alunos, dentro da ideia de produtividade. Escrevo para produzir, publicar, criar “nome” e um arquivo autoral para as próximas gerações. Quando isso acontece, e não são poucas vezes, de fato a escrita fica um pouco menos iluminada, as letras - que antes urgiam como uma fonte recém encontrada - agora insistem em se manter na névoa do inconsciente. Nestes momentos que falta faria um instante de inspiração. Mas escrevo, talvez de um modo um pouco mais vagaroso, mas escrevo. Porque amo-a deveras ao ponto de encarar um processo doloroso, somente para voltar a escrever e devanear, como fiz nestas poucas linhas.

Praticar não é publicar

A partir desse processo de uma produtividade exacerbada, há uma compreensão extremamente equivocada entre autores, especialmente da pós-graduação (mas que perpassa todo o meio acadêmico) que é acreditar que publicar em demasia é um ato de melhora da escrita. A escrita, meu caro leitor, melhora-se praticando. Acertando-errando, escrevendo-reescrevendo, apagando-reiniciando e assim sucessivamente. A produtividade - que comumente vem no ato de publicar artigos, capítulos, livros dentro de um determinado prazo - não necessariamente pressupõe uma melhora na escrita. A ideia de produzir a todo custo, comumente é acompanhada de escritas rápidas e sobre

pressão, muitas vezes de qualidade inferior e pouco revisada. A prática da escrita, para a melhora desta, deve acontecer naturalmente. Aventure-se em textos dos mais variados temas, escreva prosas e poemas, deleite-se com sátiras que talvez somente você irá ler, mas escreva. Teste gêneros literários, saia um pouco do academicismo e aproveite a viagem. Escreva devagar, saboreando cada letra, palavra e frase, como se fosse sua última refeição - vale dizer, a sua favorita. Pratique clamando paixões, externalizando dores, demonstrando a beleza do mundo em poucas linhas. Anote as mínimas observações como em *Cotidiano* de Chico, demonstre suas emoções como em *Travessia* de Milton, ame como Bethânia em *Cheiro de Amor*. Deleite-se, meu caro leitor, deleite-se.

Referências

BATISTA, B.N. Algumas maneiras pós-estruturalistas de responder às perguntas: Como escrever? Como ser autor? *Revista Digital Do LAV*, v. 12, n. 3, p. 72-90, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983734839475> Acesso em 20 de nov. 2024.

Arthur, as viagens e o rendimento

Cícero Augusto Richter Schneider

Mas como assim!?, Arthur vociferava ao meu lado, com um misto de divertimento e indignação. Por que tu não investes esse dinheiro em um fundo de investimentos? Tu irias conseguir uma boa grana só com o rendimento. Um amigo meu colocou um bom dinheiro no banco e está vivendo com as rendas do fundo de ações, e o professor de Educação Financeira comentou que...

O professor de Geografia que estava responsável pela turma olhou para mim com cara de cansado, revirando levemente os olhos. A preleção de Arthur continuava. O jovem, na casa dos seus quinze anos, continuava ressaltando o quanto a Educação Financeira era importante, o quanto a Matemática enquanto matéria não servia para muita coisa – a não ser as porcentagens, regras de três e cálculos relativos a rendimento ou que fossem aplicados à vida financeira. A Geografia, então, servia para pouco. Melhor seria se o docente ensinasse Marketing Digital. Mas o principal questionamento – e ponto de indignação – do jovem Arthur para o professor de Geografia era bem específico:

Mas como assim tu preferes guardar teu dinheiro para viajar? Tu vais gastar tudo! Por que não pega uma parte disso e investe?

O professor, em pleno outubro, com o cansaço estampado na testa, somente retrucava que gostava de viajar, que preferia investir o dinheiro dele em viagens e experiências. Não gostava de guardar o dinheiro no banco. *Mas se tu guardar lá a grana vai render*, respondia o infante Arthur. *Porque se tu fizeres um planejamento de longo prazo, calculando o rendimento – como o professor de Educação Financeira ensinou...*

Mas meu guri, dizia o docente, enrolando um mapa que há pouco mostrava para a turma de Primeiro Ano do Ensino Médio, *eu não gosto. Prefiro viajar, beber um bom vinho, ir no cinema...*

O garoto, contudo, era bastante insistente.

Mas cara! Isso não te traz nenhum rendimento. Não te traz nenhum desenvolvimento pessoal. Tá louco, gastar com filminho e passeio. Isso vai te trazer o quê? Só perder tempo. Tu poderias pegar esse dinheiro e investir! Ah, ou melhor ainda! Poderias fazer um perfil, criar conteúdo sobre as tuas viagens e monetizar. Bah, seria legal, hein. Viajar e trabalhar um pouquinho, já ganhava uma grana.

O professor de Geografia suspirou, exausto. Não valia à pena discutir. A Educação Financeira e o Capital Humano haviam vencido aquele debate. Só bastava esperar o sinal para o final da aula, daqui a cinco minutos.

Marlete

Cristian Moreira Fraga

“Talvez eu esteja muito velha para isso” foi a frase que escutei em um sábado, meio chuvoso, um dia antes de uma prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A personagem que proferiu tais palavras, hoje se encontra idosa, mesmo não gostando da alcunha. Jovem de espírito e aparência, mas já envelhecida, em partes, mentalmente. É mãe de dois filhos homens. Além de encontrar-se no ínterim de continuar trabalhando, mesmo aposentada, por circunstâncias da vida, ainda busca viver intensamente as últimas décadas que lhe resta. Certa feita, disse-me que não quer morrer muito velha, talvez venha daí o meu pavor de ir até os 80 anos de idade.

A menina, hoje mulher, nascida no interior de Cachoeira do Sul-RS - poucos meses após ser instaurado um regime ditatorial no país - deslocase para a zona urbana da cidade no início de sua adolescência. Começou muito cedo a trabalhar como empregada doméstica, sempre conclamando como era difícil ser mulher no século passado. Apesar de ser mãe de homens, conviveu a vida toda com mulheres. É a sexta filha de uma família com 11 filhos (entre filhos e filhas), onde sempre teve que conviver com as lamúrias do pai em ter filhas e não filhos (onde a “maldição” se perpetuou com 8 filhas e 3 filhos). Não teve estudo suficiente até à idade adulta, quando foi findando gradativamente cada etapa que compõe a educação básica. Cheia de sonhos e histórias, pensou em fazer História - concomitantemente à sua, mas refiro-me ao curso acadêmico - o que não aconteceu, mas materializou o sonho no filho mais novo. Sempre que se lembra de uma fala de sua ex-patroa: “empregada não estuda”, resolve tentar mais uma vez a vida de estudante, mas logo desiste. A frase citada na primeira linha deste breve texto, referia-se a mais um dia, ou melhor dizendo, ano, em que a sua

esperança em adquirir uma bolsa para uma graduação se esgotava por ela mesma.

Trabalhou e trabalha durante muito tempo para que os filhos estudassem, mas por enquanto somente o caçula está seguindo o plano. Cabelos brancos do estresse, mas pintados mensalmente de castanho cor chocolate, visando rejuvenescer esta senhora que ultrapassa os sessenta anos de idade. Servente de escola pública, nunca sonhou em ser “rica”, mas professora. Há trinta anos reclama da má educação de determinados alunos, mas sempre retorna ao seu posto costumeiro. Lembrada diariamente por alunos e ex-alunos, através de agradecimentos e abraços, essa jovem senhora vai escrevendo a sua história. Apesar de a personagem em questão não se perceber desta forma, a cada novo momento insere um novo acontecimento nesse enredo bastante rico e imprevisível.

Para exemplificar um, entre tantos momentos magníficos, recordo-me de minha formatura no curso de História. Um sábado ensolarado de verão, onde crianças gritavam na rua e meu gato fugia às inúmeras mãos estranhas querendo agarrá-lo. Ao contrário do Orfeu da mitologia grega, este não é valente. As mãos estranhas que tentavam capturá-lo eram bastante conhecidas por mim, todas familiares. Lembro-me que nossa personagem ditava as regras do jogo: *“Mas como tu não convidou o teu primo para a cerimônia?”*, *“Vamos nos atrasar!”*, enquanto segurava as lágrimas e se gabava aos quatro cantos pela conclusão do curso de História de seu filho. Apesar de ferver em uma toga em um dia que batia quase 40o graus de temperatura, houve um acontecimento que coroou todos os meus esforços, em um pouco mais de meia década, de trabalho e estudos sendo realizados conjuntamente. Este acontecimento é materializado através de um simples ato: um sorriso. Poucas vezes a vi sorrir em fotos - não sei ao certo qual é o motivo -, mas a única que está sorrindo ferozmente foi registrada naquele belo dia. Guardo-a comigo.

Como toda pessoa, teve suas contradições e momentos repensados; outrora já brigou com os filhos por atitudes, sexualidade e

tatuagens - leia-se “com o autor que vos fala” - mas hoje enfrenta o mundo para protegê-los.

Já referente ao Enem, talvez ano que vem ela tente de novo.

O que me move a pesquisar o que pesquiso?

Jonas Daniel Pereira

Minha mãe e meu pai se casaram nos anos 1970 e tiveram três filhos antes de mim, dois homens e uma mulher. Meus três irmãos foram criados com a presença paterna e materna até o período da adolescência deles. Um matrimônio marcado por abusos e excessos por parte de meu pai, quase sempre embriagado tornava o lar um ambiente nada propício para a criação de meus irmãos. Mais precisamente no ano de 1994, ano em que minha mãe está com 39 anos tendo um episódio de aborto espontâneo 2 anos antes, eu nasci. Três anos após o meu nascimento, minha mãe, Marli Guedes, decide se divorciar de meu pai, Alei Pereira.

Dali em diante, dona Marli, como era conhecida em seu novo bairro, consegue sua casa própria por meio de iniciativas do governo da época. Ela se muda com seus dois filhos mais novos para a residência localizada no bairro Cristal, hoje Santa Vitória, em Santa Cruz do Sul. Consegue se formar no ensino médio aos 43 anos e faz um concurso municipal onde é aprovada para exercer a função de servente em creches e escolas. Por outro lado, meu pai durante esse período se torna alcoólatra e, vagarosamente, não consegue exercer sua profissão devido aos problemas decorrentes do uso de bebidas alcóolicas diariamente.

Com esses problemas e meus pais tendo se divorciado logo após meu nascimento, me acostumei com a criação materna e não via isso como um “problema”, diferente de meus amigos de infância ou colegas de escola quando seus pais se separavam. Minha criação foi voltada para a valorização da educação por parte de minha mãe, ela dava muita importância para os estudos, assim como muitas mães periféricas veem na educação uma possibilidade de “ascensão” na vida. Muitas vezes por ser filiada ao Partido do Trabalhadores em Santa Cruz do Sul, ela me levava junto para as reuniões de partido durante minha infância. Outras

vezes lembro-me de estar na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), onde ela participava de seminários e palestras que abordavam a questão racial do município, estado ou até em âmbito federal.

Em meio a essa criação, ela sempre estimulou para que eu crescesse com consciência racial, de onde nós partíamos, como eu me encaixava no mundo sendo um menino negro, de origem periférica e pobre. A partir desta trajetória entre mãe e filho tenho a entrada em um curso de mestrado como a resposta de uma vida, vida essa que perdi em setembro de 2023 devido a diversos problemas de saúde e consequência de muitos anos de trabalho. Minha mãe deixa um legado de sabedoria e persistência para mim e minha família.

A partir do conceito de escrevivências, cunhado por Conceição Evaristo, resgato minha trajetória a partir dos acontecimentos que presenciei com ela em sua trajetória como educadora do MOVA. Programa que foi instituído nos anos 2003 a partir de uma iniciativa governamental que visava alfabetizar jovens, adultos e idosos em escolas públicas. O diferencial deste programa era quem tinha a função de dar aula, era escolhido alguém do próprio bairro para exercer tal função. As aulas eram no turno da noite e minha mãe conciliava seu trabalho de servente durante o dia com a alfabetização desses alunos durante a noite. Período que presenciei tudo de perto, pois, como mãe solo, ela não tinha com quem me deixar.

Nessa perspectiva, dou-me por conta da impossibilidade de distanciar a produção acadêmica de minhas vivências como sujeito negro. Mais ainda, entendo, a partir do conceito de escrevivências, que aquilo que é vivido, ainda que individualmente, constitui uma memória coletiva. O ato de escrita, potencializado por Conceição Evaristo, torna-se modo de resistência e se soma a importância do lugar de fala ocupado por sujeitos negros no meio acadêmico e produção de pesquisas.

Além do ingresso em um curso de Pós-graduação, a escolha pelo tema de pesquisa também é atravessada pelo exercício de memória. Os espaços não-escolarizados discutidos serão aqueles onde acontecem

projetos que atendem crianças e jovens em idade escolar (ou não) e em turno oposto ao da escola. São atividades promovidas por Movimentos Sociais, ONG's ou, até mesmo, via Secretarias de Educação, Assistência Social, por meio de políticas públicas. Acontece que, em especial, nas atividades promovidas por entidades não-governamentais, os responsáveis por serem educadores nem sempre terão a formação acadêmica oficial, como uma graduação em licenciatura, portanto, configurando-se, no que vamos chamar, em um "ser-docente".

Corpo Docente, nos encontros da escrita e da pesquisa em educação

Betina Hillesheim

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Escrevemos aqui um desprezioso texto para contar como foi a nossa experiência como professoras nessa disciplina, nomeada como *Seminário Avançado II - Políticas de Escrita e Pesquisa*. Para isso, foi preciso remexer nos e-mails, nas nuvens, nas anotações das cadernetas e nas margens dos livros. Nesta busca, procuramos as pegadas que deixamos no caminho, para saber como entramos em estado de encontro de leitura, escrita e pesquisa em educação com um pequeno e combativo grupo de estudantes de pós-graduação, que aceitou nossa provocação: compor, a cada aula, pequenos exercícios de escrita e deixar ressoar seus efeitos.

Tivemos dificuldade em localizar os começos. Larisa tem uma história de oficinas de escrita, ensaios acadêmicos, subversões na pesquisa; Betina ensaia outros modos de escrever em todo seu percurso de professora-pesquisadora. O encontro das duas se deu mediado por outra pesquisadora, Adriana Thoma, falecida em 2018, pouco antes da defesa de tese de sua então orientanda, Larisa. Como se lida com um luto? Escrevendo e organizando: a vida, a falta, um livro. Na organização do livro *Adriana Thoma: cartas e escritas de docência e amizade*, professoras/es, orientandas/os e amigas/os, entre os anos de 2023 e 2024, escreveram cartas para contar um pouco sobre saudades e para falar às/aos jovens professoras/es e pesquisadoras/es sobre outros modos possíveis de viver a universidade, a docência e a produção de saberes, a partir do desejo e da esperança em um mundo outro.

A partir disso, idas e vindas, tempos corridos, brechas possíveis. E, então, em 2024, uma proposta: Larisa decidiu fazer pós-doutorado no

Programa de Pós-Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul, tendo, como supervisora, Betina. Abre-se aí a possibilidade de outras intensidades, dentre elas, um convite: Larisa compor uma disciplina voltada a pensar outros modos de pesquisa em Educação, entendendo a escrita como política de pesquisa, proposta por Betina para os/as estudantes da linha de pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos.

Mergulhamos, assim, na sala de aula, duas professoras que compartilham leituras e a paixão pelas palavras. Em uma mensagem de Larisa, respondendo ao planejamento da primeira aula, esta escreve: “tenho um acervo de escritas à mão, biografemas e escritas poéticas, feitas pelos sujeitos das pesquisas de mestrado e doutorado. Quero muito pensar a escrita retomada, depois da ‘casa’ da pesquisa ser tombada”. E, mais adiante, ao enviar algumas sugestões do plano da disciplina: “estava me achando uma metida... retomei a Filha Perdida, da Elena Ferrante, e Fogo, da Anaïs Nin, e achei mais dois textos”. E as conversas, perdidas numa enxurrada de mensagens, falando dos sentimentos em relação às pesquisas, em geral: “mas é aquilo que conversamos ontem... os discursos que são hegemônicos hoje... difícil”; “parece uma retomada de alguém que eu já fui, e que precisava muito reencontrar”. A expectativa da primeira aula: “estou muito feliz, vai dar tudo certo”. E durante o percurso: “é uma turma intensa, com produção de intensidades. Vamos ler textos incríveis”.

Não conseguimos, assim, identificar um suposto ponto inicial, apenas mapear nossos afetos. Seguimos, assim, acompanhadas pelas palavras de Alejandro Zambra: “Sabia pouco, mas pelo menos sabia isto: que ninguém fala pelos outros. Que, mesmo que queiramos contar histórias alheias, terminamos sempre contando nossa própria história”¹⁰.

¹⁰ ZAMBRA, Alejandro. Formas de voltar para casa. Editora Tusquets, 2019.

Apresentação das autoras, dos autores

Betina Hillesheim – cresceu encantada com as palavras e os livros, habitando mundos menores. A infância a acompanha sempre, entendendo que a docência e a pesquisa são formas de interrogação do mundo. Seu exercício constante é a busca das primeiras vezes, deixando-se inebriar pela potência do encontro.

Caroline Couto [ou só Carol]: Interessada pelas histórias minorantes e pelos não resistentes, é uma escutadora - algo assim entre o escutar os sussurros do mundo e o ser pesquisadora. Uma fã de começos, é psicóloga, professora, aluna: pergunta, lê e escreve, só para poder fazer tudo outra vez. Transita com as infâncias, as migrações e as educações - mas procura sempre pela margem na qual ainda cabe brincar com as palavras, para transitar por inesperados.

Cícero Augusto Richter Schneider – Estuda, lê, escreve, dá aulas em uma escola de educação do campo, canta em coro e os males espanta, depois estuda mais um pouco. Por nomeação, divino representante do Sacro Império Romano-Germânico (de acordo com meu professor da Graduação em História) e levemente parecido com o Cazuzá, de acordo com meus colegas de banda. Vivendo a vida, estudando o mundo e a Educação, escrevendo devaneios e entoando melodias, mantendo sempre, como diz Milton Nascimento, o coração de estudante.

Cristian Fraga – Autor, acadêmico e professor em eternos devaneios. Filho de uma funcionária pública, aprendeu a explorar e resistir (re-existir) ao mundo através de textos repletos de uma escrita com pintadas de acidez, sarcasmo e paixão. Apaixonado pela vida, o seu modo de escrita serve para jamais esquecer daquilo que o constitui: pardo, latino e periférico.

Jonas Daniel Pereira – Filho de mãe solo, dessas que carregam o mundo nas costas e ainda acham espaço pra colo. Cresceu entre panelas, vassoura e muito silêncio, aquele com um pai ausente, como a maioria. Viu na escola uma fresta, no esporte uma fuga, no boxe uma oportunidade. Graduado em Educação Física, instrutor que ensina golpe e escuta, mistura corpo, luta e ideias. Sem pai, sem mãe, mas com dois irmãos e quatro sobrinhos que viraram referência e chão. Vou seguindo, entre socos e afetos, batendo de frente com o destino que tentaram impor e abrindo brechas para outros também passarem.

Larisa da Veiga Vieira Bandeira – lê e escreve, mistura tempero e novelas em pratos e mantas, moradora semi-fixa do mato semi-desmatado, aprende ensina com professoras de educação infantil e de AEE, e em duas localidades alagadas do estado, vai e vêm, permanece sempre: mãe, avó, professora, aluna.

Letícia Aline Back: Um pouco Letícia, um pouco Aline — entre nomes que se encontram, mora uma mulher que escreve. Psicóloga, professora, aluna, mãe: costuro mundos com palavras e silêncios. Habito o tempo com olhos atentos às delicadezas do contemporâneo: o trabalho, a educação, as migrações. Movo-me pelos encontros — com a pesquisa, com os livros, com as gentes, com a roda que gira e serve chimarrão. Acredito nos gestos miúdos, nos ecos que reverberam em pequenos territórios. É aí que habito: em movimentos micropolíticos

Lucijane Ferreira – professora, orientadora e aprendiz das travessias. Carrego no corpo as marcas da roça e no olhar a urgência de reinventar o educar. Escrevo a partir dos rastros que o cotidiano deixa em mim, onde cada escuta vira escrita e, cada silêncio, um gesto de resistência.

Rosane Machado Rollo – inquietante e caleidoscópica, Ro é mulher, mãe, avó, aluna, produzida pelos (des)encontros dos vários mundos que a

habitam. Fascadamente curiosa, a psicóloga-sanitarista é uma eterna aprendiz que acredita em renovar o mundo usando borboletas.

Esta é uma obra que se propõe a colocar o corpo e a pesquisa enquanto narrativas de vida, num exercício de tensionar os lugares de pesquisador/a, manifestando as incongruências, as motivações e os desejos, produzindo resistências. São corpos pesquisadores/as abertos ao indeterminado, às incompletudes, assumindo as vulnerabilidades como força movente, num exercício de contraponto a um mundo repleto de determinações, pontos finais e respostas prontas. E, assim, ao invocar o corpo e a pesquisa, provoca sentir o corpo em pesquisa: o dos/as autores/as, o nosso, o seu - sujeitos neste tempo.

(Leticia Aline Back e Caroline Couto)

